

Cacique é ameaçado de morte por garimpeiros em Altamira (PA)

Data: 24/04/2002

Fonte: Amazonia.org.br

Local: São Paulo

Link: <http://www.amazonia.org.br>

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data 24 / 4 2002
cod Curuaia 02

O cacique Joaquim Curuaia, líder da Comunidade Indígena Curuaia, encaminhou esta semana um documento ao Ministério Público Federal, à Polícia Federal e ao Exército afirmando que vem sofrendo ameaças de morte desde a última semana. Ele credita as ameaças a um grupo de garimpeiros que vem atuado ilegalmente dentro do Território Indígena Curuá, no município de Altamira (PA).

A reportagem do Amazonia.org.br conversou com o cacique Curuaia sobre os motivos do conflito, a inoperância das autoridades e as possíveis conseqüências: "Quando voltar para a aldeia, esses caras vão querer me matar e vou ter que me defender."

Amazonia.org.br: Qual a origem deste conflito com os garimpeiros?

Joaquim Curuaia: Nós começamos a trabalhar para agilizar o processo de documentação da área de nosso território indígena. Começamos a trabalhar viajando, cobrando o andamento do processo junto à Funai e o grupo de garimpeiros acha que eu estou fazendo todo este movimento. A Funai é cobrada por mim, exigindo pressa e rapidez. Quando saiu a portaria no dia 28 de janeiro, identificando a área indígena, começaram as pressões.

Amazonia.org.br: E como se deram as ameaças?

Curuaia: No último dia 17 de abril, a enfermeira Eliane Pessoa do posto de saúde indígena da aldeia Curuá, entregou-me uma carta contendo ameaças de morte. A carta não estava assinada mas outros moradores locais afirmaram terem ouvido de Antonio Mendes, o líder dos garimpeiros, a intenção de me matar.

Amazonia.org.br: Como os garimpeiros chegaram à região?

Curuaia: Em 1996 ocorreu a exploração e pesquisa mineral realizada por uma empresa canadense chamada Southern Anaconda Resourcer junto a uma empresa brasileira chamada Brasinor. Nesta mesma área instalaram-se, após a saída das empresas, um grupo de 12 garimpeiros ilegais. Após a desativação de uma área da Southern permaneceram na área em torno de 12 garimpeiros. Hoje há mais de 50 pessoas trabalhando na área e todo final de semana sai tiroteio – além do consumo de álcool e drogas. Os garimpeiros também têm derrubado mogno e diversas castanheiras.

Amazonia.org.br: E onde está localizada a área de garimpo?

Curuaia: Nosso território indígena tem uma área de 166.000 hectares – a aldeia está localizada na margem do Rio Curuá, no centro desta área. Os garimpeiros estão localizados a uma distancia de 12 quilômetros, dentro da Reserva, na outra margem do Rio – o que é a nossa sorte, pois se estivessem da mesma margem já teriam nos atacado.

Amazonia.org.br: As autoridades competentes já foram informadas desta situação de conflito iminente?

Curuaia: Já foram enviados documentos à Funai relatando o caso. A Funai afirma que já encaminhou à Polícia Federal de Santarém. Os policiais federais visitaram a área, tiraram fotografias mas não houve nenhum resultado, os garimpeiros continuam lá ilegalmente.

Amazonia.org.br: Por que a Funai e a PF não retiram os garimpeiros?

Curuaia: Sinceramente não sei. Parece que existe a necessidade de acontecer uma tragédia. Após os conflitos e mortes eles tomam alguma providência.

Amazonia.org.br: E as autoridades locais? O prefeito e a Polícia Militar do Estado?

Curuaia: Tentei uma audiência com o prefeito de Altamira (Domingos Juvenil – PMDB) mas ele está sempre ocupado e viajando. A Polícia Militar afirma não ter poderes para interferir neste caso.

A Polícia Militar do Estado me deu um documento dizendo que se a Funai e a PF autorizassem, eles tirariam os garimpeiros da área no mesmo momento. Procuradores? É difícil entrar em contato - a gente conhece muito pouco.

Amazonia.org.br: Qual a sua expectativa em relação a esta questão? O que você acha que pode acontecer?

Curuaia: Não restam dúvidas de que haverá confronto. No momento em que voltarmos de barco para a vila, haverá (NR: o cacique está no momento em Altamira e aguarda o conserto do motor de seu barco para retornar). Esses caras vão querer me matar, não resta dúvida, vou ter que me defender, de que maneira? Usando armas de fogo!! E tudo isto poderia ser evitado - estamos pedindo pelo amor de deus e ninguém faz nada.

Maurício Araújo

[Leia aqui a Carta do Cacique Joaquim Curaia às autoridades pedindo garantia de vida](#)

Copyright © 2001 Amigos da Terra - Amazônia Brasileira. - Todos os direitos reservados.

**Carta do Cacique Joaquim Curuaia às autoridades pedindo
garantia de vida (Santarém, PA)**

Aos Ilustríssimos Senhores, Presidente da Fundação Nacional do Índio, Representante do Ministério Público Federal, Superintendente da Polícia Federal no Estado do Pará, e ao Comandante do Batalhão de Infantaria e Selva do 51º do Exército Brasileiro. Prezados Senhores,

Eu, Joaquim Ferreira Lima – Joaquim Curuaia, cacique da Comunidade Indígena Curuaia, brasileiro, casado, portador da carteira identidade nº 2247568 2º Via, e o CPF 089383772-53, morador na aldeia Curuá no Rio Curuá, próximo ao Igarapé Cajueiro na Terra Indígena Curuá no Município de Altamira – Estado do Pará, venho por meio desta pedir proteção e garantia de vida devido as inúmeras ameaças que vem sofrendo por parte dos não-índios que estão ocupando a Terra Indígena e realizando trabalho de garimpo ilegal. No último dia 16 de Abril pp, (em anexo), recebemos uma carta que nos alertou do perigo que corríamos após a visita realizada na Aldeia no dia 11 de Abril. A carta em anexo, sub-escrita pela Auxiliar de Enfermagem do Posto Indígena, relata sobre a emboscada preparada por não-índios que transitam armados livremente na região. Desde 1985, essa área vem sendo invadida por garimpeiros e firmas mineradoras, inclusive já houve um inquérito aberto na Polícia Federal 015/85-DPF2/SNM, no qual nunca tivemos os resultados concretos das investigações de invasão e ameaças as vidas dos indígenas da Comunidade Curuaia. No ano de 1996, uma empresa canadense chamada na região de Southern Anaconda Resourcer LTD em contrato com a empresa de mineração brasileira BRASINOR - Minerações e Comércio S/A, usou mão de obra indígena para realizar trabalho e pesquisa mineral na região. Alguns índios sobrevivem do trabalho de garimpo manual e foi nessa região que houve uma invasão muito grande de não-índios. Recentemente foi realizada uma apreensão de bebidas alcóolicas destinadas aos garimpos de não-índios, transportada por barqueiros (regatões). A apreensão foi realizada pelos próprios índios. Pedimos também aos órgãos que possam garantir a integridade da vida da comunidade indígena Curuaia.

JOAQUIM FERREIRA LIMA – Joaquim Curuaia Cacique da Comunidade Indígena Curuaia Altamira, Pará. Quarta-feira, 24 de Abril de 2002